

MULHERES INVISÍVEIS: NARRATIVAS OTOBIOGRÁFICAS SOBRE CORPOS PALIMPSÉSTICOS

Neurisângela Maurício dos Santos Miranda

Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Técnica em Assuntos Educacionais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano).

<https://lattes.cnpq.br/4105559448109995>

<https://orcid.org/0000-0002-1404-4341>

E-mail: neurisangela.miranda@ifbaiano.edu.br

Leonardo Augusto Paulino

Doutor e Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano).

<http://lattes.cnpq.br/9738009772723642>; <https://lattes.cnpq.br/0009-0009-6373-0741>

<http://orcid.org/0009-0009-6373-0741>

E-mail: Leonardo.paulino@ifbaiano.edu.br

Ozenice Silva dos Santos

Doutora em Constituição do território pela Universidade do Porto – Portugal (U.Porto). Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano).

<http://lattes.cnpq.br/7901339721762591>

<https://orcid.org/0009-0002-4349-1842>

E-mail: ozenice.silva@ifbaiano.edu.br

Jersica Moreira da Cruz

Graduada em tecnologia de Análise e Desenvolvimento de Sistemas pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR); Licencianda em Educação do Campo pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e Técnica em Meio Ambiente pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano).

<http://lattes.cnpq.br/3769731475512978>

<https://orcid.org/0009-0002-1795-0152>

E-mail: geucruz88@gmail.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N1>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N1-24>

RESUMO: Este texto reúne elementos teóricos e empíricos, mobilizados durante imersões de cunho otobiográfico em um projeto intitulado de: *Mulheres invisíveis: saltos que se produzem para a vida*, o qual reuniu profissionais da educação, estudantes, pesquisadores e colaboradores com a pretensão de, por meio da pesquisa e extensão em rede, produzir processos de visibilidade dos direitos de mulheres que (sobre)vivem da prática da prostituição, sendo essa um estigma, historicamente construído e retroalimentado pela violação de direitos e, também, pela marginalização do respeito frente a liberdade dessas mulheres - *Damas da Noite* – no âmbito da sua autonomia para produzirem-se para a vida (prostituição), valendo-se dos saltos que lhe são possíveis para (per)formarem uma atividade que diz muito sobre os corpos, e sobre as marcas palimpsésticas que neles se inscrevem. Desse processo, culminou o propósito de promover espaços-tempos de visibilidade da mulher prostituta, com vistas ao protagonismo e disseminação da cultura de respeito à autonomia sexual, da não violência e da não submissão feminina, por meio de ações voluntariadas em rede e contributas para

políticas do corpo e fatores de saúde, empoderamento, geração de renda e profissionalização. Para isso, investimos na *dizibilidade* das *Damas da Noite* itaberabenses, atuantes nas regiões periféricas de grande circulação de transeuntes, cujas narrativas ditas e/ou escritas fariam transbordar *perceptos* e *afectos* (DELEUZE, 1992) do *ser/tornar-se* prostituta, mobilizando uma política de compreensão e dizibilidade do corpo, pautada em ações (per) formativas, ética e esteticamente organizadas com foco no deslocamento dessas mulheres de sua condição de vulnerabilidade e invisibilidade sociais, para uma condição outra de produção de *saltos* qualitativos em relação a atenção à saúde, à integridade física e moral e à qualificação profissional. Tudo isso atravessadas pela ideia derridiana de *otobiografia* – a escuta da vida nos registros humanos.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres da Vida. Otobiografia. Palimpsesto. (Per)formatividade.

INVISIBLE WOMEN: OTOBIOGRAPHIC NARRATIVES ABOUT PALYMPSESTIC BODIES

ABSTRACT: This text brings together theoretical and empirical elements, mobilized during immersions of an otobiographical nature in a project entitled of the: Invisible women: leaps that are produced for life, which brought together education professionals, students, researchers and collaborators for, through research and network extension, to produce processes of visibility of the rights of women who (survive) from the practice of prostitution, which is a stigma, historically constructed and fed back by the violation of rights and, also, by the marginalization of respect for the freedom those women - Ladies of the Night - have within the scope of their autonomy to produce themselves for life (prostitution), taking advantage of the leaps that are possible for them to perform an activity that says a lot about bodies, and about palimpsest marks who subscribes these bodies. This process culminated in the purpose of promoting space-times of visibility of prostitute women, with a view to the protagonism and dissemination of the culture of respect for sexual autonomy, non-violence and female non-submission, through voluntary network actions and contributions to body politics and health factors, empowerment, income generation and professionalization. For this, we invested in the sayability of the Damas da Noite from Itaberaba, active in peripheral regions with a large circulation of passers-by, whose spoken and/or written narratives overflow percepts and affections (DELEUZE, 1992) of being/becoming a prostitute, mobilizing a policy of understanding and expressiveness of the body, based on (per) formative actions, ethically and aesthetically organized with a focus on the displacement of these women from their condition of social vulnerability and invisibility, to another condition of production of leaps qualitative in relation to health care, physical and moral integrity and professional qualification. All this crossed by Derrida's idea of otobiography – listening to life in human records.

KEYWORDS: Women of Life. Otobiography. Palimpsest. (Per)formativity.

UMA MULHER... UM SALTO ALTO... A VIDA!

Quantas imagens materializamos em nossa memória e quantas invisibilizamos com essas três pistas temáticas: uma mulher, um salto alto, a vida? Foi com essa

provocação que imergimos em inscrições otobiográficas e (per)formações palimpsésticas de mulheres “da vida”. Sim, da vida! Esse termo potente e polissêmico que quando traduzido numa perspectiva da sexualidade dos corpos femininos produz um modo de ser *outro*¹ que borra a romântica e essencializada imagem maternal e doméstica da mulher para a inscrição de uma *outra* que, não menos mãe e não menos preocupada com o lar, registra-se na vida como profissional do sexo. E, nesse movimento de borrões, tentativas de apagamentos e inscrições de imagens de mulher em um mesmo corpo, vamos percebendo a constituição de corpos palimpsésticos que se (per)formam em contextos de prostituição - essa atividade institucionalizada que para além do objetivo do ganho de dinheiro a partir de cobranças por atos sexuais, implica em um modo de vida, cujo corpo opera atos (per)formativos produtores de uma constante ficção de si, cujas narrativas nos mobilizaram para um diferido processo de escuta, a partir de gestos otobiográficos² (MONTEIRO, 2004, 2013; MONTEIRO; BIATO, 2008; YATSUGAFU, 2017), ou seja escuta da vida nos registros escritos (narrativas de vida) de cada mulher que aceitou participar conosco de uma proposta de pesquisa e extensão, delineada a partir do projeto *Mulheres invisíveis: saltos que se produzem para a vida*³.

A ideia foi promover alternativas de visibilidade dessas mulheres, as quais denominamos de “damas da noite”⁴, a partir da criação de espaços e tempos de dizibilidades, de modo que ao dizer-se, cada uma pudesse escutar-se a si e às outras de si e, com isso, diferir-se, tornar-se *outra*. Toda a proposta envolveu um movimento metodológico, pedagógico, filosófico e ontológico cuja discussão e resultados intentamos abordar neste texto que ora introduzimos com a imagem e as múltiplas traduções e fabulações que produzimos dessa mulher que coloca seu *salto alto* e sai para a *vida*. O

¹ Todas as palavras cunhadas em itálico, as quais não se adequam às normas da ABNT (itálico utilizado para termos estrangeiros), valem-se de uma *gramatologia* outra, que conforme Jacques Derrida (2017), dá margem para uma escrita que abarca um “sistema totalmente aberto a todas as cargas de sentidos possíveis”. Ou seja, são palavras com outras cargas conceituais que transbordam as molaridades semânticas.

² Conceito desenvolvido por J. Derrida (2009) trazido para o campo educacional brasileiro como método de investigação científica pelo professor Silas Monteiro (UFMT), quando em seu doutoramento (2004) toma heurísticamente este conceito como “dar ouvido às vivências representadas pela palavra nas expressões humanas.

³ Projeto aprovado pelo Edital de Extensão 04/2018 (Margaridas/2018) do Instituto Federal de Educação, Ciência e tecnologia Baiano – IF Baiano, cujo desenvolvimento iniciou-se em 2019 e prorrogou-se até o final de 2021 em virtude dos contratemplos ocasionados pela pandemia e assassinato do gerente da principal casa de acontecimento do projeto.

⁴Em alusão ao conto “Dama da noite”, do volume de contos “Os dragões não conhecem o paraíso” (1988) de Caio Fernando Abreu.

convite é para outras traduções e fabulações dessa imagem, considerando a escuta dos registros das narrativas de vida de nossas damas, sem contudo perder de vista a escuta de si ao escutá-las em seus registros. Foi esse movimento que fizemos e aqui traduzimos como um gesto otobiográfico realizado a partir do acesso à (per)formações de corpos e *corpus* palimpsésticos de mulheres em contextos de prostituição.

A ESCUTA DO DIZER-SE: A DIMENSÃO OTOBIOGRÁFICA NA ESCUTA DE CORPOS E *CORPUS* PALIMPSESTICOS EM CONTEXTOS DE PROSTITUIÇÃO

PALIMPSESTO

A ESCUTA

“É preciso estar atento ao funcionamento da máquina clichê para que então se possa fabular maneiras de resistir” (PRECIOSA, 2010, p.41).

A escuta nem sempre ocorre pelo ouvido, mas pela pele, como ocorrem com as serpentes⁵, por exemplo, em que ela “escuta pelo mais profundo de sua pele” (DELEUZE, 1992, p.113). Esse processo, a partir da leitura da Tese de Miranda (2021), nos inspirou a buscar a obra deleuziana *Conversações*, quando no capítulo “Rachar as coisas, rachar as palavras”, Deleuze menciona Valéry e sua fórmula “o mais profundo é a pele” (DELEUZE, 1992, p.113), e toma essa fórmula como uma arte das superfícies.

Os corpos/*corpus*, que neste movimento ousamos escutar, tomamos como superfícies de inscrições fabulatórias de si – em circunstâncias que nos fazem retomar a ideia de palimpsestos, “cuja superfície é tomada por (re)inscrições ao mesmo tempo não visíveis e não ocultas. Neste texto, o palimpsesto sugere um movimento

O DIZER-SE

Quando eu era mais jovem, todo final de semana era assim: Para sair de minha casa e de minha vida normal, botava o meu salto alto, me maquiava de modo que nem eu me reconhecia, e saía para a vida. Era um jeito de separar as coisas. Agora, tantos anos depois... acabou a vergonha de mim mesma. Eu me amo como eu sou e não me maquio para me esconder de mim, mas para mostrar pra mim quem sou eu sem qualquer peso de consciência. Prometi tem muito tempo que nunca mais me anularia para satisfazer ninguém e nunca mais sentiria vergonha de mim. O meu trabalho é honesto! Desonestos são os homens comprometidos que nos procuram e as mulheres deles que fingem não saber. Eles e elas sim precisam de alguma maquiagem. Nós, não!

(Dama da noite, 30 anos de prostituição, relato narrativo em atividade em posto de gasolina).

Uma mulher de vida fácil! Só que não!

As pessoas pensam que nossa vida é fácil! Quem nunca de vocês ouviram assim: olha aquela de vida fácil. É uma escolha difícil que precisamos fazer todos os dias para sobreviver e não deixar morrer nossos sonhos que não são diferentes dos sonhos de muitas mulheres que se dizem puras e retas. Manter viva a esperança dos nossos sonhos é que nos dá forças para deixar a mulher normal e se tornar essa que a sociedade repudia, mas

⁵ Sugere-se a leitura da Tese “Quando ousei narrar(me): intraduzções otobiográficas de uma professoralidade” (MIRANDA, 2021) disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/32850>. O movimento metodológico e o uso da otobiografia como dispositivo pedagógico foram inspirados neste texto.

ininterrupto e indecível de *lecto-escuta-escrita* dos acontecimentos das entrecamadas da *bio*” (MIRANDA, 2021, p. 42), os quais reconhecemos como impulsos e *processos criativos* (PAULINO, 2020) de si.

Trata-se, pois, de *otonarrativas palimpsésticas*, as quais tivemos acesso em suas múltiplas camadas, pois não se trata de um mero texto narrado, mas de *(a)traduções* (DERRIDA, 2002) de vivências, das quais, em muitas situações, tivemos a condição de acompanhar e escutar, inclusive, nos contextos de acontecimento da prostituição (postos de gasolina e casas noturnas). Contextos esses em que constatamos que as damas partícipes estavam mesmo, conforme Preciosa (2010, p. 14), “atentas ao funcionamento da máquina clichê para fabularem maneiras de resistir” e, certamente, o corpo no contexto de prostituição torna-se fabulação como forma de *resistência* e de *re-existência*:

A resistência é aqui entendida, portanto, como força que move, atravessa, que torce e se alimenta de outras forças com o intuito de aumentar a potência dos corpos. É efeito de encontros capazes de mobilizar forças; é força inventiva que move e cria possíveis. A resistência é ‘poder da vida, poder vital que vai além das espécies, dos meios e dos caminhos desse ou daquele diagrama’ (Deleuze, 1995, p. 100). É movimento através do qual uma pessoa, um grupo, um povo ou uma multidão diz: chega! Eu não aceito mais isso! E mostra, com sua recusa, que considera injusto o risco de sua vida. A resistência abre espaços, abre caminhos, cria possibilidades. A resistência cria um re-existir, ou seja, um existir de um outro modo. (PARAISO, 2016, p. 389)

paga bem pelos serviços. E, se engana quem pensa que depois basta lavar o corpo e está tudo certo. Os homens e os momentos podem ser esquecidos, mas não apagados de nossos corpos, pois as marcas de cada sexo são carregadas no mais profundo da pele de nossos corpos, de nossas memórias, de nosso emocional. E, todo dia, ao invés de esquecer, produzimos novas marcas, novas memórias que vão fazendo a gente pensar e buscar meios de resistir a tudo isso e continuar, pois essa vida não é maior do que a VIDA, mas essa vida nos dá a condição de sobreviver na VIDA e garantir a sobrevivência de nossa família.

(Dama da noite, 22 anos de prostituição. Narrativa oral transcrita em atividade em posto de gasolina, 2019).

Uma história para vocês

Ninguém sabe da minha vida, só eu mesma. Ninguém sabe o que passei. Só eu mesma. Às vezes acho que até Deus fechou os olhos porque se estivesse de olhos abertos talvez nem deixaria tanta coisa acontecer. Mas como dizia meu pai, não bote Deus no meio das escolhas que são suas. É a primeira vez que conto minha história assim tão de verdade para qualquer pessoa, mas estou gostando, parece que estou tirando um peso das costas e um espinho da garganta. Vou falar da minha vida de menina e como essa menina se tornou garota de programa.

Eu tinha 11 anos e minha mãe me deixava na casa de meus tios para trabalhar e em troca do favor eu cuidava do bebê da minha tia enquanto ela cuidava das coisas da casa. O bebê tinha uns seis meses, eu acho. Eu era criança e fazia de conta que o bebê era meu, como se fosse uma boneca, ou melhor, um boneco. E brincando com o bebê de vez em quando eu tirava os meus seios ainda pequenos e colocava o bebê para mamar em mim, como se fosse meu filho. Não tinha maldade nenhuma naquilo. Até que um dia, meu primo, que tinha uns 14 ou 15 anos viu a cena e me pediu para brincar também e dizia que podia ser o pai do bebê, achava bom aquilo e de segunda a sexta eu ia ansiosa para a minha brincadeira real, cada dia mais divertido. Um dia meu primo falou que a gente podia brincar de ter outro filho e disse que era só brincadeira, mas que tudo que a gente tinha era de verdade. Ele me iludiu e transou comigo. Durante quase seis meses a gente brincava disso. Não contava nada para ninguém porque eu também nunca contava que eu dava a mama para

Nessa contextura, o ato da prostituição transborda as questões sexuais e remete aos porquês daquela vida e das histórias de vida que delinearam tal caminho. Para essas mulheres, a prostituição é um modo outro de si, que é condição fundamental para possibilitar-lhe viver dignamente o que querem ser. E um modo de ser borra, mas não apaga o outro. Nesse sentido, chamamos atenção para a desconstrução da ideia rígida do clichê de que, passada a situação do sexo, do programa, basta lavar o corpo para que aquele momento seja apagado. Supõe-se que elas voltam para casa e tudo torna-se repetição nas próximas noites dedicadas à *vida* (programa), mas em cada repetição diferenças são produzidas. Segundo as damas, os momentos podem ser esquecidos, mas não apagados, pois as marcas de cada ato sexual são carregadas no mais profundo da pele de seus corpos. Essa condição é o que nos faz compreender que operamos com corpos palimpsesticos:

Nosso corpo fala línguas que ele mesmo desconhece...Em tempos antigos, quando se escrevia em couro, costumava-se apagar um texto a fim de escrever um texto novo. As palavras eram raspadas e a superfície do couro era alisada com o auxílio de presas de elefante. Quando se percebia que nada do antigo texto restava, fazia-se uma nova escrita. E a antiga estava perdida, para sempre... Eles não sabiam, entretanto, que dentro do couro o texto antigo permanecia, invisível. [...] Eram palimpsestos: couro sobre o qual muitos textos eram escritos. Nossos corpos: palimpsestos. (ALVES, 2015, p. 179)

São corpos femininos prostituídos que, ao narrarem-se, tornaram-se *corpus* palimpsesticos

o irmão dele. Eu só percebi que aquilo não era brincadeira quando completei meus 15 anos e, na escola, já nos ensinavam algo sobre reprodução humana, sobre estupro, sobre a violência. Um dia, minha mãe estava assistindo TV e vi uma reportagem sobre os casos de violência que começavam na família, foi o dia que eu entendi que estava sendo estuprada por meu primo. Eu chorei muito e minha mãe desconfiou que algo estava acontecendo comigo depois daquela reportagem. Eu não disse toda a verdade, apenas falei que meu primo tentou me beijar e que eu corri. Ela não disse nada a ele e nem a minha tia, apenas não me deixou ir mais lá para evitar brigas na família porque na cabeça dela não tinha acontecido nada demais. O maior problema é que eu comecei a sentir falta daquilo, não do meu primo, mas daquilo, daquela sensação gostosa que fazia minhas pernas acabarem e o meu corpo esquentar tão gostoso. Sentia falta da sugada do meu priminho em meu peito. O que era inocente passou a ser necessidade. Eu já tinha 15 anos e era uma mocinha bonita. Eu comecei a sentir muito desejo pelos meninos da escola. Eu tinha uma amiga mais velha um ano que eu e ela namorava um menino de 18 do segundo ano. Minha mãe me proibia de namorar. Quando eu via ela no recreio beijando ele meu corpo fervia. Eu precisava dele. Eu me arrumava para ele me ver. Então o melhor amigo dele percebeu e me fez uma proposta. Se eu ficasse com ele, ele convencia Ric a ficar comigo. Eu nem pensei duas vezes. Aceitei. Eu transei com esse menino só por transar e nem lembro de ter sentido nada porque meu foco era outro, era só a promessa. Na outra semana o encontro estava marcado no fundo do colégio 8 da noite, ode tinha um muro quebrado que a gente entrava escondido quando estava atrasado pra aula e não podia entrar pela frente. Eu me arrumei toda. Me perfumei. Me lavei como nunca tinha lavado o meu corpo. Sério o banho foi diferente, a limpeza foi diferente. Eu não ia encontrar o amor da minha vida eu ia atrás daquela sensação que minhas pernas pediam. Eu disse a minha mãe que ia fazer trabalho na casa de minha amiga, a namorada do Ric e pedi a ela que confirmasse com a minha mãe por nossa amizade porque eu tinha um encontro importante e depois do encontro eu voltaria para dormir na casa dela e ela fez isso por mim. Antes das 8 eu estava lá e a bicicleta do Ric foi se aproximando e ele já foi chegando e me beijando dizendo que estava louco por aquilo também. Entramos no fundo do colégio escuro e eu me acabei naquela sensação gostosa. Foi inesquecível. No final ele me deu um relógio e disse que guardou para me dar no final. Porque se

com natureza arquiviolítica⁶, imersos em um jogo dobrado no duplo escritas-repetições e escutas-diferenças, jogo que na dinâmica que aqui apresentamos, apesar do aparente paralelismo, faz-se, na verdade, um convite para o que Miranda (2021, p. 114) denominou de um arquivo de reciprocidades, que se escrevem nas linhas paralelas, em que, durante a leitura dos escritos, desmancham-se para tornarem-se um só palimpsesto de multiplicidades e variações de si (de quem escreve, de que se diz e de quem se escuta).

O que aqui temos é corpo e o *corpus* em múltiplos movimentos e permanências de si em registros numa dimensão otobiográfica de acontecimento investigativo.

Sobre essa dimensão otobiográfica, trata-se de,

Um método de pesquisa qualitativa que se propõe a ouvir a vida a partir das produções realizadas em múltiplos contextos, tomando como ponto a formação, entendida como constituição de si; as vivências (*Erlebnisse*) que ressoam ao longo deste processo e se fazem nele presentes em forma de palavras, gestos, compreensões, significados. (YATSUGAFU, 2017, p. vi)

Neste trabalho, valemo-nos do potencial teórico da otobiografia, já conhecida como conceito filosófico e prática de pesquisa, cujo significado, arranhando o conceito derridiano, implica em ouvir (*oto*) a vida (*bio*) nos registros (*grafia*) humanos, e no projeto *Mulheres Invisíveis: saltos que se produzem para a vida*,

fosse bom ele marcaria mais encontros e eu teria que estar lá na hora marcada e sempre me traria um presente. Eu mereci, dizia ele. Eu fui pra a casa da minha amiga dormi lá. Quando cheguei e olhei para a cara dela, ansiosa pra que eu contasse sobre o encontro eu vi que eu não era amiga de ninguém, que eu não merecia a amizade dela e nem o Ric merecia o amor dela. Ela era uma menina doce, inteligente, fiel a ele e ele nem pensou duas vezes em ficar comigo e o pior, nem me pediu segredo ou demonstrou qualquer tipo de preocupação com ela. Eu me senti mal, muito mal e disse a ela que tive um encontro com um rapaz, mas que ele era um canalha. Tinha namorada e queria ficar comigo e com ela que não valia a pena e que eu nunca mais queria vê-lo. Mas era uma mentira. O relógio no meu braço era um sinal de que eu aceitei aquela situação. Eu fui pra casa no outro dia. Quando cheguei na escola o Ric não parava de me mandar sinal. Fiquei uma semana lutando contra mim e contra meus desejos. Mas não aguentei mais que isso, outro e outro encontro e sempre com presentes. Mas a situação ficou mais intensa quando num desses encontros ele levou um amigo do trabalho, depois até descobri que o cara era casado, mas no dia que ele apareceu com o cara ele me perguntou o que eu achava de ganhar muito dinheiro. Que não precisava fazer nada que eu não quisesse só fazer gostoso como eu já fazia e com os dois. Eu ganhei 500 reais para ficar com os dois e manter segredo. Não sei o que me deu eu só aceitei. Eu só aceitei. E acreditem, não foi pelo dinheiro foi pelo fogo que me consumiu só de pensar naquela situação. O Ric me sugava pelo seio enquanto o amigo dele me penetrava. Eu me senti completa. Os encontros deixaram de ser no fundo do colégio e passaram a ser no sítio do amigo de Ric. Eu já ia fazer 18 e como queria fazer 18. Terminei a escola. Terminei o terceiro ano e comecei a trabalhar numa lojinha de perfume da "O boticário". Eu era muito linda e sempre maquiada e cheirosa. A dona da loja me falou que eu era a melhor vendedora dela e me fez a proposta de cuidar da loja em outra cidade, pertinho da minha. Meus pais permitiram porque o salário era bom. O Ric já tinha ido embora, para outro lugar, mas o amigo dele casado, continuava os encontros comigo e sempre me pagava bem. Conte para ele que precisava ir trabalhar. E ele me surpreendeu. Disse que era para eu tirar a minha carteira de motorista que ele me daria uma moto e toda sexta feira ele me queria no sítio. Eu,

⁶ Derrida (2001b, p. 22) fala de uma potência arquiviolítica como aquela que não deixa atrás de si nada que lhe seja próximo. Aqui suscitamos a ideia mesmo do arquivo derridiano, o qual rescia-se na dinâmica fabulatória de apagamentos e conservações. Brinco aqui com a maquinação anagramática de conversa-conserva, pois em Deleuze (1992) conversar é uma das condições para se conservar e variar um pensamento.

mobiliza-se esse potencial numa perspectiva empírica do *ouvir* implicador e agenciador de um processo coletivo de enunciação-(re)criação de si, a partir da tessitura de uma “*política de dizibilidade*”. Ou seja, produzimos espaços de um dizer-se para dar visibilidade e produzir saltos qualitativos na construção da imagem de si, como um combate aos históricos estigmas da imagem da mulher profissional do sexo.

Todas as vivências narradas, acolhemos, nessa perspectiva investigativa como eventos/acontecimentos (per)formativos, os quais nos propomos a escutar. “Escutar, nesse sentido, é percorrer o labirinto das significações das forças presentes na produção humana, nos escritos, na autobiografia”. (MONTEIRO, 2007, p. 481).

Desse processo, despontaram as negociações para a criação de espaços-tempo de narratividade, espaços-tempos de otobiografias como formas de narração/produção/ grafia de si.

Cabe, aqui, um parêntese para elucidarmos a ideia de (per)formativo e (per)formatividade palimpséstica ora abordada. Nesse movimento de pesquisa e extensão na dimensão otobiográfica, os registros de vida e as viventes foram questionados sobre o que queriam ao dizer e, o que despontou o tempo inteiro foi o aforismo nietzschiano “*Viver é inventar*” (NIETZSCHE, 2004, §119, p. 92). Por isso, em nosso trabalho com as mulheres profissionais do sexo e suas otônarrativas (escritos de si a partir da escuta de si e das outras de si), escutamos as vivências como invenções de si, como marcas (per)formativas de um palimpsesto que com suas escrituras e apagamentos, transvaloram a ideia de aprender com os erros e buscar o transcendente, para

de novo, aceitei. Dois meses depois, para ninguém desconfiar eu fiz um empréstimo no banco de 3 mil reais e comprei uma moto nova. Ele me deu os 3 mil a vista como garantia de sua palavra e ainda pagava todo mês o empréstimo. Eu ia na segunda trabalhar na cidade vizinha e voltava toda sexta a noite para o sítio que ficava na mesma estrada e no sábado aparecia na cada de meus pais. Numa dessas sextas encontrei ele no sítio com outra garota e outro homem. Eles disseram que o cara tinha viajado, mas que deixaram eles lá para cuidar de mim. Ele disse isso tirando a carteira do bolso e me mostrando 800 reais. Que naquele tempo era muito dinheiro. Eu nunca tinha me visto como garota de programa até aquele dia porque eu só tinha tido Ric e ele em minha vida. O meu primo foi um grande canalha e não considero como um homem, mas como um doente que sempre me olhava diferente e eu não podia fazer nada só dizer pra ele que se tocasse em mim de novo eu levaria ele para a polícia. Ele se afastou, mas o olho dele era nojento. Então. Eu me tornei garota de programa, mulher da vida, do sexo e ganhei muito dinheiro para ter minha moto, minha casa, minha vida e meus pais tinham muito orgulho de mim porque eu os ajudava muito, mas eles achavam que era por causa da loja. Começaram a me cobrar estudo, faculdade, essas coisas. Eu dizia que precisava trabalhar. E aí conheci uma menina que estudava numa faculdade particular de Salvador. Ela disse que mandava bem nos estudos e na vida. Os melhores clientes estavam lá e ela era bancada pelo dono da faculdade. Ele estava querendo mais e ela me chamou. Fiz o vestibular mais fácil que uma prova de quarta série, passei e fui. Expliquei para xxx que eu precisava estudar, sair daquela vida e ser uma pessoa digna para meus pais. Eu menti de novo para quem me ajudou. Mas ele aceitou de boa. Fui para Salvador dividir o Ap com 3 meninas, todas garotas de programas que batalhavam para ganhar a vida e estudar. Eu nunca tinha me sentido mal pelo que fazia até ali, porque eu morava na casa de meus pais, tinha uma grana e só ficava com quem eu quisesse. Mas a vida na cidade grande, na capital me levou por outros caminhos. Eu precisei fazer sexo sem vontade, sentindo dores e ganhando muito pouco porque precisava da grana. Conheci uma pessoa, me apaixonei por essa pessoa e ele não sabia da minha vida. Não sabia de nada. Para ele eu era só uma estudante, mantida pelos pais e que dividia apartamento. Eu tive que diminuir os contatos, passar a tensão de desmarcar com alguns homens de última hora, o boy da faculdade era gente boa, mas começou a demorar a me chamar e aí ficou

simplesmente ouvir a vida (MIRANDA, 2021, P. 217).

A (per)formação...ou melhor, a (per)formatividade

Sem deixar de reconhecer a condição polissêmica que o termo *performar* encerra, é válido inferir que não buscamos um significado a apresentar, mas uma *gramatologia* (DERRIDA, 2017) *outra* que se articule ao propósito. Sob essa configuração, acentuamos uma marcação no prefixo *per*, o qual tem origem latina que, segundo o dicionário *Aurélio*, pode assumir o significado de *movimento através, proximidade, intensidade ou totalidade, como em percorrer, perdurar, perpassar* e ainda uma função de ênfase. Já o sufixo *formare*, também de mesma origem, pode significar *formar, dar forma a, criar*. Por conta da vinculação com o termo *criar*, a palavra *performance* passou a ser cultivada de diferentes maneiras por diversos campos do conhecimento e mais intensificadamente pelo campo das artes, referindo-se ao “espetáculo em que o artista atua com inteira liberdade e por conta própria, interpretando papel ou criações de sua própria autoria” e “atividade artística inspirada em formas de arte diversas” (Dicionário Houaiss, 2001).

Em Butler (2003), a atividade performativa é abordada ao tratar de identidade, gênero e sexualidade. O caráter performativo na atividade da prostituição, talvez encontre ressonância nas elucidações de Butler quando ela explica que a dimensão contingente da *performance* sugere a necessidade de repetição que, ao mesmo tempo em que é a reencenação de um conjunto de significados já estabelecidos

difícil, mas eu estava apaixonada. Pensei em voltar pra casa, mas não daria certo. Pedi meu pai para vender minha moto que deixei em casa e por um tempo deu pra eu me segurar com essa grana e ainda bem que eu não precisava pagar a faculdade porque meu boy garantiu a bolsa. Engravidei. Eu tenho um filho de 8 anos. É a minha vida. Engravidei do amor da minha vida, mas ele não tinha cacife para me sustentar e ele não tinha o suficiente para me manter em todos os sentidos. Eu gosto e preciso do sexo. Não de qualquer sexo. Do sexo perigoso. Do jogo. Do proibido. Não sei se não queria sentir isso, mas essa profissão às vezes me dá o que eu preciso e às vezes não. Estou cuidando da educação do meu filho. Estou trabalhando com revenda de produtos da Rommanel e da Mary Kay e estou indo bem já alguns anos para complementar a renda e dar as paradas quando preciso. Continuo fazendo programa e às vezes, quando o negócio vale a pena, deixo meu filho com meus pais e viajo com as meninas para hospedar e trabalhar em casas de shows e casa de programa. Não vou para qualquer lugar não. É isso. Minha vida, minhas escolhas, minha rotina, meus segredos. Eu sou uma mulher que considero decente, pois nunca fiz compromisso com homem algum e olha que tentei, mas como sei que não consigo manter um compromisso eu pulo fora. Indecentes são os homens e também mulheres que traem, que mentem, que enganam seus parceiros. Eu sou feliz fazendo o que faço e tem horas que sou infeliz fazendo o que faço, o que acontece em toda profissão. Mas foi o que eu escolhi pra mim com meus riscos controlados. Eu inclusive poderia ser uma mulher rica se quisesse arriscar um pouco mais fazendo outras coisas nesse meio, mas eu prefiro trabalhar com coisa certa, honesta e segura. Meu trabalho é honesto porque vendo o que é meu, meu corpo, o prazer que eu produzo, diferente de muitos políticos, de muitos comerciantes, de muitos bancos que trabalham em cima do que é dos outros. Precisamos respeitar as mulheres que vivem do que é só seu e não perturbam ninguém.

Assinado

Uma garota de programa que queima de tesão. (Dama da Noite, 15 anos de prostituição, narrativa escrita, 2021)

Olá. Eu me chamo C.M. S.S [...], tenho 24 anos, nasci na Bahia. Há um ano atrás, eu entrei num projeto no IF Baiano de Itaberaba, projeto no qual aprendemos muitas coisas, dentre elas a fazer

socialmente, é também, a cada vez, uma nova experiência de *performance* ou o que a autora chama de “repetição estilizada de atos” (BUTLER, 2003, p. 200).

Nos interessa nesse contexto da prostituição a ideia de que há um certo deslocamento da *performance* para o ato performativo, em que o foco, paulatinamente, vai deixando de ser o produto (o ato sexual), passando, pois, a atentar-se para o processo que é a *per-form-atividade*.

Assim, o performativo que é descrito, transcrito e inscrito nos espaços de dizibilidades de si, vai criando em quem diz e em quem escuta diferentes composições de si no exercício de escutar-se a si e ao outro durante o acesso à narrativa, ao produto-processo de dizibilidades e, consequentemente de visibilidade. Neste ínterim, delineia-se um solidário exercício de si composto por diferenças que rasuram e desmancham, os significantes do ato performativo da prostituição que, tradicionalmente, habitam os espaços sociais.

O (per)formativo implicado no ato da prostituição e da narração das histórias que atravessam essa escritura, vão, ao mesmo tempo, apagando e criando, marcas *palimpsésticas* que nem sempre podem ser vistas, mas podem ser sentidas, tecendo atravessamentos diversos entre o corpo e o *corpus*. É essa força maquinica produtora de outros modos de si que tanto nos interessa. Nos interessa possibilitar produzir outros saltos para outras formas de vida, a partir do desejo e da força que potencialmente o habita.

O foco do exercício foi na visibilidade da mulher prostituta e na mobilização de possibilidades de protagonismo e disseminação da cultura de respeito à autonomia sexual, da não

sabonetes e também fizemos cursos de maquiagem [...]. Desde novinha, eu sempre tive sonhos, os quais meus pais não tinham condições de me ajudar a realizar. Então eu resolvi atuar “na vida” na qual vocês me conheceram, na casa das 7 Damas. E daí, então, eu passei um ano fora de casa e no foco de eu ter alguma coisa no meu futuro, pois aquele momento que eu vivia não era futuro pra ninguém. E, então eu consegui. Passei um ano fora, chorando, derramando muitas lágrimas porque meus pais não tinham condições e aí consegui um dinheiro para fazer os cursos na área na qual eu atuo hoje, trabalhando com unhas. Hoje eu sou “new designer”, amo meu trabalho. Já tenho um ano e sete meses de atuação nessa área e hoje eu posso ajudar os meus pais, oro de aluguel, mas já tenho meu próprio negócio. Não trabalho pra ninguém e é isso! Graças a Deus, hoje está dando tudo certo e foi um prazer estar com vocês!

(Dama da noite, 1 ano de prostituição. Relato oral (transcrição) Casa das 7 damas).

Minha história é real

Eu me chamo Júlia...Eu tenho uma história de vida assim, em que pode ser que muitas mulheres passou ou também não passaram, mas eu tenho um relato de vida que chego a conclusão de que cheguei onde cheguei não foi por falta de opção, pelo contrário, eu tive várias outras opções de ter outro ramo de vida, só que, pelo que eu passei e optei por passar por isso, entendeu? Às vezes a gente descredita das pessoas, do ser humano, do parceiro. Eu falo aqui do meu parceiro que eu acreditava que era tudo para mim e ao mesmo tempo não era nada [...]. Ele queria uma estátua dentro de casa e que eu fornecesse pra ele tudo o que eu tinha de melhor de mim mesma. Então o que eu tinha pra oferecer pra ele era o amor, era a confiança e o respeito. Eu achava que ele era meu príncipe encantado! Na época eu tinha meus 15 anos, hoje eu vou fazer meus 28 anos, e eu fui iludida com tudo isso, achando que aquilo tudo seria mares e mares de flores e quando, na verdade, não era isso. Daí o que aconteceu? Foi passando o tempo, fui terminando meus estudos,

violência e da não submissão feminina. Tudo isso, por meio de ações contributas para políticas do corpo e suas implicações para autonomia, cidadania, saúde, empoderamento, geração de renda e profissionalização da mulher que atua como profissional do sexo nas regiões periféricas (casas noturnas e postos de gasolina de grande circulação de transeuntes nas noites itaberabenses).

Foi nas narrativas ditas e/ou escritas, que buscamos por relevo os *perceptos* e *afectos*⁷ do ser/tornar-se prostituta, e, com isso, mobilizar uma política de compreensão do corpo como um lugar de *perceptos* e *afectos* outros, a partir da efetivação de ações formativas, ética e esteticamente organizadas, que provocaram o deslocamento dessas mulheres de sua condição de vulnerabilidade e invisibilidade sociais, especialmente com a oferta de possibilidade de saltos qualitativos em relação a atenção à saúde, à integridade física e moral, e à qualificação profissional, sempre atentas às imagens de si e das imagens do outro, enquanto construções de visibilidades de si e visibilidades do outro, num movimento de singularização e pluralização. Movimento esse que nos permitiu escutar que uma consegue tirar o chapéu para a atividade da outra, reconhecendo a si e a outra como outra de si.

Otobiografar como gesto de agenciamento de desejos de dizibilidade: um breve relato.

Pautados em uma proposta metodológica de cunho *otobiográfico* (Derrida, 2009), em que, conforme o próprio termo sugere, nos propomos a ouvir a vida nos registros possíveis a partir de

*porque com todos os erros e erros dele, ele foi uma pessoa que sempre me apoiou nos meus estudos, então ele nunca me deixou abandonar. Mas pelo ciúme possessivo que ele tinha, de ir na porta da minha escola, na porta de cursos que eu fazia e ficava rondando e eu comecei a desacreditar disso. Começou quando um primo meu chegou e falou pra mim: Oh, Júlia, fulano passou aqui e eu fui desacreditando e pensando: ele vai viver na minha cola pelo resto da minha vida? Pra mim ele era meu príncipe encantado, o homem mais lindo do mundo, o meu Tom Cruise, quando na realidade não era nada daquilo que eu imaginava [...] . o tempo foi se passando, se passando, se passando! Eu era evitada de ir na casa de minha mãe, era evitada de ir na casa dos meus pais, na época meus pais ainda moravam juntos, num certo tempo eles se separaram. Aí, no decorrer do tempo, aconteceu uma situação aonde chegou o desgaste do relacionamento, quando eu desacreditei e percebi que ele não me amava, que ele só queria me usar e desfrutar do que eu era, que por ser uma pessoa nova, bonita - na realidade eu ainda continuo bonita [risos]- mas, em vista dos 15 anos é f**, né? Aí um dia, uma amiga minha chegou e disse: oh, Julia, Fulano está ali na praça bebendo com fulana e beltrana – pessoas que eram do meu vínculo e que faziam parte do meu dia a dia e aí eu peguei a minha moto – na época eu tinha essa moto que ele me deu, logo quando lançou aquela “Pop100” e aí eu peguei aquela moto e fui lá na praça ver com meus próprios olhos e quando eu cheguei lá, realmente ele estava lá, mas saiu às pressas porque avisaram e ele sabia que eu ia chegar lá. Ele saiu antes, mas eu sabia que ele estava lá. Então eu voltei pra casa e aí quando ele chegou, ele começou a me enganar, naquele momento eu engoli a história e acreditei nele, mais uma vez. O que não tinha sido nem a primeira, segunda ou terceira, foi mais uma vez. De fato engoli. Beleza! E aí eu pedi pra eu ir pra academia, ele liberou, mas só liberou se fosse pra eu ir com a cunhada dele – tudo bem – eu ia pra academia com a cunhada dele. Um certo dia, ele*

⁷ Em uma chave deleuziana “os perceptos não são percepções, são pacotes de sensações e de relações que sobrevivem àqueles que os vivenciam. Os afectos não são sentimentos, são devires que transbordam aquele que passa por eles (tornando-se outro)” (DELEUZE, 1992, p. 175).

inserções nos contextos em que acontecem com maior incidência a prática da prostituição, buscamos agenciar o desejo de *dizibilidade*, como dispositivo de visibilidades!

Se desejos são *produzidos*, foi essa a dinâmica de composição metodológica que adotamos. E, para tal, dividimos as ações em três dimensões, desenvolvidas em três fases distintas e sequenciais: Políticas de Escuta; Políticas de saúde, movimento, integridade e *performance* corporais e Políticas de corpo profissional. Cumpre ressaltar que toda a equipe responsável pelas atividades foi composta por mulheres, exceto um servidor que, incluindo-se no grupo LGBT, tinha aproximações com o singular feminino, em especial por ser um artista e *drag queen*. Este perfil da equipe facilitou nossas imersões e compreensões das histórias de vida narradas pelas mulheres partícipes.

Cumpre ressaltar que as contingências, os diferentes modos de vida, as especificidades de cada cenário de atuação nos convocou a alterar, por diversas vezes, as geotemporalidades formativas que originalmente compunham o projeto inicial. Uma decisão de suma importância que imprimiu relevância e compromisso político, ético e estético para com as vidas que nos propomos a escutar, ínterim em que lidamos de perto com os perigos da violência que assola esses contextos e põe em risco as profissionais. Riscos esses que transbordam as questões sanitárias. Em mais de dois anos de investigação e proximidade com este público, assistimos o fechamento de uma casa após ser alvejada por um tiroteio e de outra casa, cujo gerente (homossexual) foi brutalmente assassinado.

chegou na academia, eu estava fazendo um exercício errado e o instrutor da academia estava me ensinando. O instrutor veio por trás de mim me ensinar como eu tinha que pegar no aparelho direitinho. Mas ele estava olhando de longe e pulou a catraca da academia e me agrediu. Eu peguei minhas coisas, voltei pra casa, dormi como se nada tivesse acontecido e falei pra ele: tudo bem, meu amor...eu não ligo por nada... eu te perdoo.Quando amanheceu o dia que ele saiu pra trabalhar, eu saí pra casa da minha mãe e não voltei mais nunca! Dali, comecei a concordar em minha cabeça que ele não me dava valor. Que eu dava mais valor pra ele do que ele me dava. Ele queria ter um enfeite pra ele e não uma mulher. Então eu comecei um vínculo de amizade com outras pessoas, conheci um amigo que passou a dizer pra mim que eu era muito bonita e que eu não tinha que ficar naquela, que eu tinha vários meios de ganhar dinheiro; você é bela, você é maravilhosa, vou te apresentar um amigo meu que tem muito dinheiro, mas independente, não é pra você ficar com ele não, vou te aconselhar só a conhecer ele, mas se você quiser ele vai te ajudar e vai te dar tudo o que você precisa. Foi daí que eu conheci essa pessoa 30 anos mais velho do que eu e foi dali que eu comecei a ter malícia nas coisas. O cara me dava tudo. Em dois dias o cara me deu uma Biz. Com um mês, o cara quitou o meu terreno... tá entendendo? Daí eu disse: meu Deus, então pra que isso que eu passava com um cara que não tinha nada a ver comigo? Um cara que só me humilhava? Um cara que só me batia? Um cara que não me tratava como eu tinha que ser tratada! E eu o tratava de todas as melhores formas! Mas, tudo bem! O tempo passou e daí, dessas amizades, conheci outras que falavam assim: olha amiga, vou te apresentar um lugar e lá é muito bom, a gente vai beber, a gente vai curtir e não é obrigado você ficar com ninguém. Não chegar homens, mas não é obrigado você ficar com ninguém... Foi daí que eu conheci a noite! (GRIFOS NOSSOS). e tipo assim, não é que foram as melhores noites da vida, mas oi onde eu comecei a me sentir segura, me sentir uma pessoa independente, me sentir uma pessoa que diz “ eu posso!”, por mais que fosse ilusão aquilo, mas era uma coisa que eu sabia que podia e não uma coisa que eu tinha que pedir pra ele [fazendo alusão ao

As ações do projeto abarcaram diferentes atividades em postos de combustíveis e restaurantes próximos às principais rodovias, casas noturnas e, também foi possível a realização de atividades formativas no IF Baiano – Campus Itaberaba. Todo o caminho eleito para efetivação do projeto convergiu com a perspectiva do direito:

Direito à autonomia sexual, integridade sexual e sexualidade, direitos humanos e enfrentamento da violência contra a mulher e segurança do corpo sexual – Este direito envolve habilidade de uma pessoa em tomar decisões autônomas sobre a própria vida sexual num contexto de ética pessoal e social. Também inclui o controle e o prazer de nossos corpos livres de tortura, mutilações e violência de qualquer tipo (MACHADO, 2011, p.130-131)

Nessa perspectiva, cada ação proposta esteve consoante, também, com as diretrizes propostas na Política Nacional de Promoção da Saúde (BRASIL, 2004) que visam à integralidade, à equidade, à responsabilidade sanitária, à mobilização, à participação social, à intersetorialidade, à informação, à educação, à comunicação e sustentabilidade da saúde enquanto direito fundamental à vida.

Assim, a primeira fase – *Políticas de Escuta* – implicou em um conjunto de ações de inserções *in situ* em que, a partir de gestos *otobiográficos* realizamos distintos processos de escuta-registro e registro-escuta das narrativas de vidas das mulheres partícipes. O segundo momento (em andamento) - *Políticas de saúde, movimento, integridade e performance corporais* consistiu no investimento em rodas de conversas e oficinas constituídas por ações formativas e

ex companheiro], tipo – Ei, você tem como me dar dinheiro, hoje? Não, eu poderia ir pra um quarto deitar e às vezes nem acontecer nada, com um ser melhor, ter um tratamento melhor por um parceiro que te conheceu naquela noite e te trata muito melhor que ele. E é assim, a minha história “de vida” é muito complicada e até hoje eu não consegui sair dela! Eu não recrimino nenhuma garota de programa, porque não é garota de programa é mulheres de negócio (grifos nossos). É melhor do que eu estar me trocando por um copo de bebida, por um copo de uísque, os melhore uísques, as melhores cervejas, e quando chegar no outro dia não ter um real nem pra comprar um pão. E, com isso, eu venho ajudando muito, muito a minha família, entendeu? Minha família não sabe, mas também, se sabe, não vai me recriminar, porque eu já fiz muito por minha família com esse dinheiro. Já tive vários relacionamentos, até tentaram me tirar dessa vida, mas eu, depois que eu entrei nessa vida, eu descreditei do amor, eu descreditei do homem, por todas as mentiras que eu venho escutando nessa vida, entendeu? De homens sem noção, nossa! É muito complicado, gente! Então, eu conto assim a minha história de vida, mas eu não me recrimino não! Eu tiro o chapéu pra mim! Eu sou uma guerreira! Eu sei entrar, eu sei sair em qualquer lugar! Eu sou a mesma pessoa. Eu tenho até mais valor... Até mais valor do que muitas mulheres que se dizem casadas, que se dizem namorando, que se dizem até que é crente, mas eu – tipo assim – não tiro a minha dignidade – porque o meu caráter, a minha dignidade, vem de berço, vem de mim. O coração que eu tenho, se eu pudesse eu agarrava todo mundo e botava todo mundo em meu coração, mas infelizmente, o ser humano não é assim. O ser humano, ele só quer enxergar o defeito. Você pode ter mil e uma qualidades, mas o ser humano só vai dar conta daquela falhada que você dá. Então, eu tiro o chapéu pra todas as garotas de programa. Muitas, não estou generalizando, mas muitas, não são todas, tem progresso. Muitas querem crescer. Muitas querem abrir seus negócios. Querem ter sua casa, seu carro próprio. Construir famílias. Nós não somos desmerecidas! Até porque nesse meio, a gente encontra homens que querem tirar a gente dessa vida. Mas só que nessa vida a gente já vem com um passado tão pesado, um passado tão

performativas, as quais têm mobilizado outras imagens, outras visibilidades e outras formas de explorar prazerosamente o corpo, como um território de direitos. No terceiro e último movimento (em andamento) – *Políticas de corpo profissional*, programamos e efetivamos um rol de cursos de qualificação profissional, conforme demandas sugeridas pelas participantes (maquiagem, informática e saboaria), além de oficinas na área de dança. Em cada etapa, as participantes foram instigadas a registrarem de maneira verbo-imagética todas as experiências, sensações, pensamentos suscitados (*perceptos e afectos*). Além de suas próprias narrativas, fizemos usos de literaturas que possuem como tema esse lugar da prostituição. Tais quais: *Dama da Noite* de Caio Fernando Abreu e *Memórias de minhas putas tristes* de Gabriel Garcia Marquez. A partir das narrativas e dos acessos a filmes como o *O céu de Suely* e *O que a vida fez da gente*, além das literaturas mencionadas, fomos produzindo formas de protagonismos das participantes, no processo de escritas de si e *sobre*⁸ os *outros* de si em camadas *palimpsésticas*.

Outro ponto importante a se destacar refere-se à participação de estudantes nesse processo. São mulheres, com maioridade, estudantes do Curso Técnico Subsequente em Meio Ambiente, responsáveis pela monitoria no curso de ecosaboaria artesanal com produtos naturais, cuja experiência, segundo elas, tem ressignificado a compreensão dos seus territórios de atuação e estimulando a querer-se e querer mais.

sofrido que a gente começa a desacreditar das pessoas. Só que a gente não pode descarregar o passado da gente e colocar na pessoa do futuro. Todo mundo é diferente de todo mundo! Assim, eu deixo a minha história de vida pra vocês. Gostei muito desses cursos. Participei. Fiz o curso de maquiagem. Fiz o curso de sabonete. E isso estimulou a gente até a querer abrir nosso próprio negócio. Estimulou a gente a se querer mais! A se amar mais! E a gente não pode se diminuir perante ninguém! . Assim, deixo o meu relato e obrigada de todo o meu coração.

(Dama da Noite, 13 anos de prostituição, otônarrativa oral. Casa das 7 damas (transcrição de áudio), 2021)

Eu me amo!

(Dama da noite, 47 anos de prostituição. Escrita sobre si no espelho, atividade em Posto de Gasolina)

CONSIDERAÇÕES OUTRAS

⁸ O termo *sobre* faz referência às narrativas que foram escritas nos próprios corpos umas das outras e no espelho como imagens de si, utilizando batom vermelho com gestos de apagamentos e escrituras (*palimpsésticos*).

Na tessitura de uma avaliação entre nossas pretensões e o que, de fato, conseguimos alcançar poderíamos dizer que, a título de considerações finais, conseguimos implementar não somente uma política de dizibilidades, mas uma micropolítica *poiética* de escuta do corpo em que, para além e apesar dos estigmas, os corpos femininos em contextos de prostituição ao dizerem-se de diferentes formas e em diferentes espaços de dizibilidades se formam, se transformam, se visibilizam e performam outros modos de serem o que são: mulheres. Essa ideia nos convoca a reiterar de forma repetida o seguinte relato:

Quando eu era mais jovem, todo final de semana era assim: Para sair de minha casa e de minha vida normal, botava o meu salto alto, me maquiava de modo que nem eu me reconhecia, e saía para a vida. Era um jeito de separar as coisas. Agora, tantos anos depois... acabou a vergonha de mim mesma. Eu me amo como eu sou e não me maquio para me esconder de mim, mas para mostrar pra mim quem sou eu sem qualquer peso de consciência. (Dama da noite, 30 anos de prostituição, relato narrativo em atividade em posto de gasolina).

O transbordamento da noção de maquiagem exemplifica bem o processo de transformação/transcrição de si, de sua identidade, de sua identificação que tanto almejávamos. Isso diz muito sobre os movimentos que propomos em que, por meio de inscrições e dos rastros palimpsésticos otobiografados (escuta-escrita da vida) e (per)formados, foi possível ressignificar e transcriar não somente o ato de maquiar, mas de se representar, se sentir, e se (re)conhecer na escuta do próprio corpo e na escritura desse corpo que foi tornando-se *corpus* com múltiplas camadas de apagamentos e escrituras de si.

Dessa forma, na condição de profissionais e pesquisadores da Educação, interessadas/os nas políticas de diversidade e inclusão, acertadamente escolhemos o trabalho com este público – mulheres invisibilizadas por conta da atividade de prostituição – e, nesse processo, percebemos lacunas nas literaturas e, principalmente, nas ações efetivadas em instituições educacionais, que imprimam não somente respeito, mas também acolhimento de mulheres prostitutas. Tais lacunas ratificam a situação de invisibilidade e, conseqüentemente, de silenciamento frente a implicação de todos/as pelas garantias dos direitos fundamentais à dignidade humana a todas as pessoas, sem quaisquer tipos de discriminação.

Por fim, se nos perguntarem o que fizemos com os dados do projeto, este texto suscita uma resposta possível: Fizemos um palimpsesto! Um arquivo otobiografado! Um

registro da dizibilidades como forma de visibilidade possível e necessária! Escutamos a Vida!

REFERÊNCIAS

- ABREU, C. F. **Os dragões não conhecem o paraíso**. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- ALVES, R. **Do universo à jabuticaba**. 3ed. São Paulo: Planeta, 2015.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Política nacional de atenção integral à saúde da mulher: princípios e diretrizes**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DELEUZE, G. **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.
- DERRIDA, J. **Gramatologia**. Trad. de Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: perspectiva, 2017 (col. Estudos).
- DERRIDA, J. **Otobiografías: la enseñanza de Nietzsche y la política del nombre propio**. Buenos Aires: Amorrortu, 2009.
- DERRIDA, J. **Torres de Babel**. Trad. Júnia Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.
- MACHADO, L. Z. Sexualidade, Direitos Humanos e Enfrentamento da Violência contra a Mulher. *In: Autonomia econômica e empoderamento da mulher: textos acadêmicos*. – Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011. (117-137)
- MIRANDA, N. M. S. Quando ousei narrar (me): intraduzções otobiográficas de uma professoralidade. **Tese** (doutorado). Universidade Federal da Bahia. Salvador, Bahia: 2021. 256f.
- MONTEIRO, S. B. Otobiografia como escuta das vivências presentes nos escritos. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 33, n. 3, p. 471-484, set/dez 2007.
- MONTEIRO, Silas B. **Quando a Pedagogia forma professores**. Uma investigação otobiográfica. Cuiabá: EdUFMT, 2013.
- MONTEIRO, S. B. **Quando a Pedagogia forma professores**. Uma investigação otobiográfica. Tese (Doutorado em Educação), Universidade de São Paulo, 2004.
- MONTEIRO, S. B.; BIATO, E. L. Uma avaliação Crítica acerca de método e suas noções. *In: Revista de Educação Pública*. Vol. 17, p. 255-271. Cuiabá, 2008.
- NIETZSCHE, F. **Aurora**. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

PARAÍSO, M. A. A ciranda do currículo com gênero, poder e resistência. **Currículo sem Fronteiras**, v. 16, n. 3, p. 388-415, set./dez. 2016 ISSN 1645-1384 (online). Disponível em: www.curriculosemfronteiras.org.

PAULINO, L. A. O que pode uma *ecodrag*? Processos criativos “*cuier*”, potências de vida e poéticas *ecobiográficas*. **Tese**. Universidade Federal da Bahia – UFBA – 361 f.

PRECIOSA, R. **Rumores discretos da subjetividade**. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

YATSUGAFU, R. H. N. C. Investigação Otobiográfica: Composição de pesquisa em educação. **Tese** (doutorado). UFMT, Instituto de Educação/PPGE. Cuiabá: 2017. 145f.

Data de submissão: 21/03/2023. Data de aceite: 23/03/2023. Data de publicação: 25/03/2023.